

“Uma comédia romântica, divertida e picante com a qual qualquer pessoa vai se identificar.” — Talia Hibbert, autora de *Acorda pra vida*, *Chloe Brown*

# DELILAH GREEN NÃO ESTÁ NEM AÍ



ASHLEY HERRING BLAKE

“Ashley Blake retrata com bom humor e ternura os contratempos das relações amorosas, familiares e de amizade.” – KIRKUS REVIEWS

“Um novo clássico. Esta comédia romântica arranca risadas e suspiros e merece estar entre as grandes histórias de romance, como *Mensagem para você*, *Bonequinha de luxo* e *Sintonia de amor*.”  
– KOSOKO JACKSON, autor de *I’m So Not Over You*

“*Delilah Green não está nem aí* retrata bem a sensação de descobrir que aquela pessoa por quem você tem uma quedinha também gosta de você. Ashley Herring Blake promete ser uma estrela do romance.” – ROSIE DANAN, autora de *The Roommate*

“Encantador e divertido, *Delilah Green não está nem aí* nos hipnotiza com o poder redentor do amor. A incrível mistura de tensão sexual e afeição vai arrancar suspiros dos leitores.” – KARELIA STETZ-WATERS, autora de *Satisfaction Guaranteed*

“*Delilah Green não está nem aí* é a realização de todos os seus sonhos românticos e eróticos protagonizados pela ex-garota má que era rejeitada por todos. E ainda tem todas as relações complicadas dela com a família postiça, para diversão extra. Você vai precisar de um belo banho frio depois desta leitura.” – LANA HARPER, autora de *Payback’s a Witch*

“Este livro reúne tudo que você poderia querer em um romance sáfico – sarcasmo, sensualidade e doçura –, além de uma análise profunda do que significa amar alguém e de como escolhemos demonstrar isso. Fãs de Alexandria Bellefleur e Talia Hibbert não podem perder este espetáculo comovente.” – THE NERD DAILY

*Para Rebecca Podos, que encara comigo  
todos os grandes mistérios*



## CAPÍTULO UM

DELILAH ABRIU OS OLHOS ao ouvir a vibração que vinha da mesa de cabeceira. Piscou uma, duas vezes, até que o quarto estranho entrasse em foco. Deviam ser pelo menos duas da manhã, talvez mais. Tateou até achar o celular, lençóis brancos sedosos se enrolando em suas coxas nuas enquanto ela se virava para silenciar a chamada, que parecia barulhenta o bastante para acordar...

Ah, merda.

De novo. O nome da mulher deitada ao seu lado fugiu das suas lembranças da noite anterior, as letras quase impossíveis de ler entre as imagens da exposição de arte na pequena galeria Fitz, no Village. Algumas fotos de sua autoria nas paredes, um punhado de frequentadores assentindo e elogiando, mas nunca se interessando o bastante para comprar alguma coisa, o champanhe que não parava de circular... Tudo isso seguido daquele bar florido na MacDougal Street regado a muito, mas muito uísque.

Delilah virou a cabeça e olhou para a mulher que dormia ao seu lado. Corte curtinho, cabelo louro-escuro, pele aveludada, boca bonita, coxas grossas e mãos fenomenais.

Lorna?

Lauren.

Não. Lola. O nome dela com certeza era Lola.

Talvez.

Delilah mordeu o lábio e pegou o celular que ainda vibrava, estreitando os olhos para ver o nome piscando na tela iluminada na escuridão.

**DesAstrid**

Mal teve tempo de rir do modo como tinha registrado o nome da irmã posticha na lista de contatos antes de apertar *Ignorar*. Era instintivo. Segundo a experiência de Delilah, uma ligação às duas da manhã raramente era coisa boa, sobretudo se fosse Astrid Parker telefonando. E quem é que ainda liga para os outros? Por que Astrid não podia mandar uma mensagem de texto como um ser humano normal?

Tá, tudo bem, havia várias mensagens não respondidas no celular de Delilah, mas, em sua defesa, ela não andava prestando para muita coisa ultimamente. Estava com o aluguel perto de vencer e se preparava para a exposição na Fitz, onde seu trabalho só fora exposto porque ela conhecia a dona, Rhea Fitz, sua ex-colega garçonete que tinha recebido de herança da avó grana suficiente para abrir uma galeria. As semanas anteriores tinham sido um turbilhão entre servir mesas em meio período no River Café, no Brooklyn, e fotografar retratos e casamentos, que juntos mal davam para o aluguel e a comida. Ela estava a uma catástrofe de distância de ser obrigada a se mudar para Nova Jersey e, se seu objetivo era entrar no implacável mundo da arte nova-iorquino, morar em outra cidade não era uma opção. Sim, tinha vendido uma ou duas obras, mas sua fotografia era *de nicho*, como dissera um agente que se recusara a representá-la, e arte *de nicho* não era fácil de vender.

Então, sim, ela andava ocupada demais dando um duro danado para falar com a irmã. Além disso, Astrid nem gostava tanto assim dela. Fazia cinco anos que elas não se viam.

Já fazia mesmo tudo isso?

Que inferno, estava tarde. Delilah largou o celular no peito quando Jax surgiu em seus pensamentos pela primeira vez em um bom tempo. Meses. Ela fechou os olhos com força, voltou a abri-los e ficou olhando para o teto, coberto daqueles adesivos de estrelas que brilham no escuro. Sentou-se na cama com uma sensação gelada de pânico correndo nas veias. Estava em um alojamento de faculdade? Deus, por favor, não. Delilah tinha quase 30 anos, e as universitárias... bom, ela já tinha passado por essa parte da vida. Preferia mulheres da sua idade, sempre preferira, e ficava satisfeita em deixar para trás todos os abalos e suspiros dos seus 20 e poucos anos.

Foi relaxando conforme o quarto ficava mais nítido. Sentiu a maciez dos lençóis caros entre os dedos. O cômodo tinha vários móveis modernos, em linhas retas e madeira clara. Obras de arte sofisticadas enfeitavam as paredes,

penduradas com maestria. Uma porta aberta levava à sala, da qual Delilah agora se lembrava claramente como o cenário onde – Lana? Lily? – a havia empurrado em um sofá branco muito elegante e tirado sua calcinha, jogando-a por sobre o ombro nu.

Com certeza não era uma mobília nível universitário. Nem mesmo nível Delilah Green – e ela já era bem adulta. Além disso, o que Lilith fazia com a boca definitivamente não era uma habilidade nível universitário.

Delilah voltou a se deitar, jogando-se na cama, amolecida pela lembrança. Seus olhos tinham acabado de se fechar quando o celular recomeçou a vibrar. Ela despertou, olhando para o mesmo nome improvável e apertando *Ignorar* pela segunda vez.

Layton se mexeu ao lado dela, virando-se e olhando para Delilah com os olhos semicerrados, o rímel manchado.

– Ah. Oi. Tudo bem?

– Tudo, tudo...

O celular vibrou de novo.

## DesAstrid

– Não é melhor você atender? – perguntou Linda, o cabelo despenteado caindo adoravelmente sobre um de seus olhos azuis.

Nunca que o nome daquela deusa do sexo poderia ser Linda.

– Talvez.

– Então atende. Quando terminar, tem uma coisa que eu quero te mostrar.

Lydia – claro, por que não? – sorriu, empurrando os lençóis até o quadril por uma fração de segundo antes de puxá-los de volta até o queixo. Delilah riu, jogando o lençol para trás e levantando-se da cama completamente nua. Ela estava prestes a atender o celular assim, mas acabou pegando um roupão de seda – não era um roupão nível universitário de jeito nenhum – que estava pendurado em uma poltrona estofada cinza no canto do quarto. Não podia conversar pelada com a irmã postiça.

Vestindo o roupão, foi até a pequena sala-barra-cozinha-aberta e se sentou em um banquinho, apoiando os cotovelos no balcão de mármore gelado. Inspirou... expirou. Sacudiu as mãos, alongou o pescoço. Tinha que se preparar para conversar com Astrid, como uma boxeadora antes da luta. Luvas

calçadas, protetor bucal no lugar. Em cima do balcão, o celular parou e o nome de Astrid desapareceu, só para voltar a surgir, como uma mensagem vinda diretamente do inferno. Melhor acabar logo com isso. Ela deslizou o dedo pela tela.

– Que foi?

– Delilah?

A voz aveludada de Astrid atravessou a linha. Era como uma Cate Blanchett americana, só que mais arrogante e menos rainha das bissexuais. Exatamente o tipo de voz que Delilah sempre soubera que a Astrid adulta teria.

– É – disse Delilah, e pigarreou. Sua voz tinha uma rouquidão de seis drinques e anos sem dormir direito.

– Você demorou pra atender.

Delilah soltou um suspiro.

– Está tarde.

– São só onze horas aqui no Oregon. Além do mais, imaginei que essa fosse a melhor hora pra conseguir falar com você. Você não vira morcego depois da meia-noite?

Delilah bufou.

– Viro, sim. Agora, se me der licença, quero voltar pra minha caverna.

Astrid ficou alguns segundos sem dizer nada, longos segundos que fizeram Delilah imaginar se a irmã ainda estava ali, mas ela não daria o braço a torcer. Só tinham falado ao telefone umas dez vezes desde que Delilah fora embora de Bright Falls, no dia seguinte da formatura, pegando um ônibus para Seattle com a mochila do colégio pendurada no ombro, enquanto Astrid partira em uma viagem para a França com suas melhores amigas asquerosas. Isabel, mãe de Astrid e *má-drasta* de Delilah, dera às duas garotas dinheiro suficiente para mantê-las longe por duas semanas. A única diferença foi que Astrid voltou, preparada para fazer faculdade em Berkeley, como a filha obediente que era, enquanto Delilah foi para Nova York e alugou uma espelunca de um quarto no Lower East Side. Ela era legalmente adulta e nada a faria ficar naquela casa um segundo a mais do que o estritamente necessário.

Não que Isabel lamentasse sua partida.

Nem Astrid, pelo que Delilah pôde perceber, embora, de vez em quando, coisas assim acontecessem. Mensagens ignoradas viravam ligações desastradas em que Astrid tentava fingir que não tinha transformado a infância de Delilah,

que já era solitária, em um inferno. Delilah voltara a Bright Falls cinco ou seis vezes nos últimos doze anos – em alguns Natais e outras ocasiões especiais, além de um velório quando sua professora de arte favorita morrera. A última vez fazia cinco anos, quando Delilah fugira de Nova York com o coração recém-partido, imaginando que a familiaridade de Bright Falls pudesse servir como um bálsamo. Não serviu, mas rendeu a Delilah ideias para uma série de fotografias que fez sua ambição mudar de *fotógrafa freelancer que mal consegue pagar o aluguel para artista queer bem-sucedida com um apartamento incrível em Williamsburg*.

O que ela ainda não tinha alcançado, mas estava tentando.

– Então... vai me deixar na mão?

A voz de Astrid interrompeu suas reflexões e ela piscou, fazendo com que a cozinha de Lucinda voltasse ao foco.

– Deixar na mão, é? – Uma piada sacana estava na ponta da língua, mas Delilah a engoliu.

– Ah, meu Deus – disse Astrid. – Você tá falando sério? Diz que você não tá falando sério?

– Eu...

– Delilah, fala logo!

– Estou tentando! Dá pra calar a boca por dois segundos?

Astrid soltou o ar tão alto que o som zumbiu no ouvido de Delilah.

– Tá bom. Tá bom. Desculpa, é que estou estressada. Tem muita coisa acontecendo.

– Certo – falou Delilah, quebrando a cabeça para lembrar *o que é* que estava acontecendo. – É, então...

– Não, não, não, não. Você *não* vai me deixar na mão, Delilah Green. Diz que não vai fazer isso.

– Meu Deus, Desastrinho, que tal tomar um ansiolítico?

– Por favor, não me chame assim e *não* me deixe na mão.

Delilah ficou um instante em silêncio. Talvez ver sua arte nas paredes de uma galeria de verdade, por menores que fossem, e o sexo excelente de depois tivessem mexido um pouco com sua capacidade de raciocínio, e ela logo se lembraria do que quer que Astrid estivesse falando. Tirou o celular do ouvido, apertou o viva-voz e conferiu a data no aplicativo do calendário. Sábado, 2 de junho. Madrugada. Sexta, 1º de junho, com certeza era uma data que tinha



ficado gravada em sua mente durante meses enquanto se preparava para a exposição na Fitz. Mas tinha mais alguma coisa, alguma coisa a ver com o mês de junho, Astrid e...

Ah, merda.

– Seu casamento – disse Delilah.

– Sim, meu casamento – falou Astrid. – Que estou planejando há meses e para o qual a mamãe insistiu que eu contratasse *você* como fotógrafa.

– Nossa, que animação...

– Eu chamaria de outra coisa.

– Me ajuda a te ajudar, Desastrinho.

Astrid bufou no telefone.

– Ainda estou arrasada por não ser uma das madrinhas – observou Delilah, sem expressão, mas, ao lembrar que a irmã postiça ia se casar com algum pobre coitado, seu coração acelerou com o horror e o alívio que a inundaram.

Por um lado, o casamento de uma Parker em Bright Falls era o último evento a que ela gostaria de comparecer naquele momento. Ou em qualquer momento. Tinha conhecido alguns agentes na exposição na Fitz e vendido uma obra – sim, a compradora estava dormindo no quarto ao lado, mas Loretta definitivamente assinara o cheque antes de se engraçar com Delilah. Pelo menos Delilah tinha quase certeza de que era assim que tinha acontecido, considerando que estava ocupada demais surtando ao ver alguém pagar por algo que ela criara.

Independentemente de qualquer coisa, aquele não era o momento para enchêção de saco vinda de Astrid-barra-Isabel. Delilah sentia que estava prestes a conquistar algo, a ser *alguém*, e Bright Falls era um poço de desespero que sugava sua alma e onde ela não era ninguém.

Por outro lado – o lado que tentava manter Delilah alimentada e vestida –, Isabel Parker-Green tinha oferecido uma soma absurda para que ela fotografasse o casamento de Astrid e as duas semanas de eventos pré-matrimoniais. Agora que os detalhes da primeira ligação de Astrid a Delilah para falar sobre aquele feliz acontecimento voltavam à sua mente, com certeza eram cinco dígitos. Cinco dígitos *baixos*, mas cinco mesmo assim. Praticamente uns trocados para Isabel Parker-Green e para a maioria das pessoas que morava no Brooklyn, mas, para Delilah, que fazia um dólar durar dias, era soro na veia de sua conta bancária desidratada.

Com a quantia, que Astrid certamente sabia que Delilah não poderia recusar, a irmã postiça também deixara escapar uma manipulação *supersutil*: “A mamãe disse que seu pai ia querer que você fosse ao meu casamento.” Delilah ainda estava ressentida, sobretudo porque sabia que Isabel tinha razão. Quando vivo, Andrew Green fora um homem de família extremamente dedicado que fazia questão de jantar à mesa toda noite, viajar nos feriados, preservar tradições natalinas, checar o dever de casa e aprender a fazer penteados para que Delilah não fosse a única garota na Feira Medieval sem uma coroa de tranças.

Um casamento seria inegociável. A gente ia pela família, ainda que fosse paga para isso e rangesse os dentes o tempo inteiro.

– Os eventos pré-casamento começam no domingo – disse Astrid. – Você concordou em acompanhar tudo, lembra? As informações que enviei por e-mail indicam que você está agendada do dia 3 ao dia 16. Assinei o contrato, concordando com todas as suas cláusulas, e...

– Sim, eu sei, eu sei – respondeu Delilah, passando a mão no cabelo.

Que merda, ela não queria passar duas semanas inteiras em Bright Falls. E era o Mês do Orgulho. Ela adorava o Mês do Orgulho em Nova York. E quem é que começava essas bobagens de casamento com tanta antecedência? Bom, Delilah sabia exatamente quem.

– Astrid...

– Delilah, não fode.

– Que boca suja, Astrid. O que a *Isabel* diria?

– Ela diria isso e coisa muito pior se você estivesse prestes a cancelar seus serviços para o casamento da única filha que ela tem assim tão em cima da hora.

Delilah respirou fundo, embora estivesse tentando não fazer isso.

*A única filha que ela tem.*

Ela quis lutar contra o instinto de reagir, deixar que as palavras passassem como vento, mas fracassou. Era um reflexo, aquele sentimento, resquício de uma infância com pai e mãe mortos e uma madrasta que, para começo de conversa, nunca quisera ficar com ela.

– Merda – resmungou Astrid, arrependida e irritada ao mesmo tempo, como se fosse culpa de Delilah ela ter esquecido que Isabel passara a ser a responsável pela filha do marido depois que ele morrera em consequência de um aneurisma quando a menina tinha 10 anos.

– Olha a boca suja de novo – disse Delilah, soltando uma risada apesar do nó na garganta. – Acho que eu até gosto dessa Astrid estressadinha.

A irmã ficou alguns segundos sem dizer nada, mas o silêncio durou tempo suficiente para que Delilah soubesse que estaria decolando do aeroporto JFK pela manhã.

– É só vir, tá bom? – pediu Astrid. – Está muito em cima da hora para achar alguém razoável para substituir você.

Delilah passou a mão no rosto.

– Tá.

– O que você disse?

– Tá bom – respondeu Delilah, praticamente gritando. – Eu vou, sim.

– Ótimo. Já reservei um quarto pra você na Caleidoscópio...

– Espera, eu não vou ficar com a mamãezinha querida?

– ... e vou mandar a programação por e-mail. De novo.

Delilah grunhiu e desligou antes que Astrid pudesse desligar na cara dela, então largou o celular no balcão como se o aparelho estivesse pegando fogo. Tirou a tampa de uma garrafa de gim pela metade que estava ao lado da pia e bebeu um gole direto do gargalo. O álcool desceu queimando, fazendo suas narinas arderem e seus olhos lacrimejarem.

Duas semanas. Seriam só duas semanas.

Duas semanas e dinheiro suficiente para três meses de aluguel.

Ela pegou o celular, aquele traidor, e voltou para o quarto. O roupão de Lanier caiu no chão e ela encontrou, amarrotado ao lado da cômoda, o macacão preto sem alças que deixava as tatuagens de seus braços à mostra. Depois de vesti-lo, ficou uns dez segundos procurando a calcinha, a roxa rendada que era sua favorita, mas não a encontrou em lugar nenhum.

– Foda-se – disse, pendurando a bolsa no ombro e juntando a massa de cachos escuros em um coque bagunçado.

Achou o salto dez vermelho ao lado da foto imensa em preto e branco apoiada na parede. A imagem mostrava uma mulher branca com um vestido também branco de tecido fino e rímel escorrendo no rosto molhado, encarando a câmera. Ela estava em uma banheira, o vestido totalmente encharcado e transparente, os mamilos quase escondidos pela linha da água e os dedos agarrando a borda da banheira branca enferrujada. Era de Delilah, uma das quatro obras da exposição na Fitz. Lembranças de Leila-Lucy-Luna pagando pela imagem

em dinheiro vivo e depois enfiando a língua na boca de Delilah a floraram. A porcaria do nome ainda brincava de esconde-esconde.

– Opa – disse a mulher, levantando a cabeça da pilha de travesseiros e olhando para Delilah com os olhos semicerrados, iluminada pela luz da cidade, o cabelo bagunçado. – Espera, você está indo embora?

– Hã, tô... – respondeu Delilah, calçando os sapatos e verificando se a carteira estava dentro da bolsa, as chaves, o cartão do metrô. – Valeu, foi legal.

Leah sorriu.

– Foi, sim. Tem certeza que não quer voltar pra cama?

Ela levantou uma sobancelha enquanto a coberta caía só o suficiente sobre seu peito para revelar uma faixa de pele encantadora.

– Bem que eu queria – falou Delilah, indo para a porta.

A oferta era tentadora, mas sua mente já estava em outro lugar, em seu apartamento, vasculhando as roupas que precisava levar para o casamento e todos os brunches e chás e, meu Deus, despedidas de solteira que Astrid tinha planejado.

Astrid e seu pelotão de meninas malvadas.

London pareceu decepcionada.

– Ah. Tá. Bom... manda mensagem?

Delilah deu as costas para a mulher e foi em direção ao corredor, levantando a mão ao abrir a porta.

– Com certeza. Mando, sim.

Mas sabia que não ia mandar.

Nunca mandava.

No metrô, voltando para o apartamento em Bed-Stuy, ela se deu conta da realidade do que estava prestes a fazer. Voltar para Bright Falls era uma coisa, mas passar duas semanas à disposição de Astrid e Isabel seria insuportável.

E Delilah não tinha nenhuma intenção de facilitar as coisas para elas.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

